

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
HUMANIDADES, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO

**O ESPORTE COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE**

CRICIÚMA, 2012

LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO

**O ESPORTE COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de grau em licenciatura em Educação
Física, da Universidade do Extremo Sul Catarinense –
UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Vidalcir Ortigara

CRICIÚMA, 2012

LUCAS FÉLIX DO NASCIMENTO

**O ESPORTE COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de grau em licenciatura em Educação Física, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com linha de pesquisa em Temas da Cultura Corporal: Esporte.

Criciúma, 29 de novembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Vidalcir Ortigara – Orientador

Professora Esp. Anelise Arns

Professor Esp. Odilon Carlos Linhares

Ao Pedro, a Irelida e a Michele.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo milagre da vida;

Ao Pedro, Irelida, Michele e familiares pelo amor, colo, carinho e mãos que sempre me acolheram;

Pelas emoções e conquistas na vida ao Sylvio, Odilon e Daniel;

Pelos diversos ensinamentos e dedicação, aos mestres;

Pelas diversas alegrias compartilhadas, aos amigos;

Aos atletas de voleibol que passaram junto a mim, emoções nas quais jamais serão esquecidas;

Um muito obrigado é pouco pela total capacidade de todos em influenciar positivamente minha vida.

“Se soubesse que o mundo se desintegraria amanhã, ainda assim plantaria a minha macieira. [...] Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos.”

Martin Luther King

RESUMO

Compreender a formação do indivíduo, a evolução e influências que este recebe para analisar se o esporte, através de sua prática, auxilia no desenvolvimento de sua personalidade, é o tema desta monografia. Diversos acontecimentos fizeram o esporte ser o que é hoje, espetáculo, rendimento, busca de recorde, etc. Esse fenômeno atual é devido aos grandes momentos na história do homem e de sua trajetória enquanto ser humano, esta devido à evolução histórico-social. Este estudo é desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica em que focamos autores que explicitam a condição atual do esporte e autores que discutem a formação da personalidade, ambos com sustentação na perspectiva histórica e crítica. Em tal estudo trago conceitos de esporte para compreender sua história e suas modificações enquanto esporte moderno. Em seguida, uma fundamentação sobre personalidade e constituição do sujeito em que conceitos chaves dão a compreensão da formação da personalidade.

Palavras chaves: Esporte; formação da personalidade; objetividade; subjetividade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O FENÔMENO ESPORTE.....	12
2.1 HISTÓRIA DO ESPORTE	15
2.2 ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA	18
3 O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE	23
3.1 EMOÇÃO - VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS	26
3.2 CONSCIENTE E O SUBCONSCIENTE: A SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	30
3.2.1 Fatores Objetivos e Subjetivos no Desenvolvimento Humano	32
3.3 O FATOR SUBJETIVO DA OBJETIVIDADE DO ESPORTE	34
CONCLUSÕES	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

A formação do indivíduo como agente modificador da sociedade inicia-se logo em que o mesmo nasce e começa a receber diversas informações no meio em que vive. A educação que recebe dos pais, o convívio social, a frequência na escola, sua cultura, serão os grandes articuladores na concepção de sua personalidade.

O esporte, assim como os tópicos levantados acima, pode ter uma influência na formação do cidadão. Ou seja, algumas questões podem fazer este cidadão compreender no esporte, benefícios subjetivos na compreensão de mundo, de homem e de sociedade na qual está inserido que podem se manifestar nas demais dimensões da vida social e torná-lo realmente atuante, com ideais, com objetivos e metas, na perspectiva social.

Por meio dessas considerações elaborei o **tema** “o esporte como fator de desenvolvimento da personalidade”. A justificativa para tal escolha é a experiência pessoal a qual, em diversos momentos em que estive envolvido com o esporte, este me trouxe benefícios para a convivência social e também para meu desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional.

Já no ambiente acadêmico se faz grandes debates e discursos sobre o esporte, muitas vezes críticas enquanto conteúdo da Educação Física escolar. O que acontece é que devido às influências históricas, políticas, sociais, este conteúdo na escola foi sendo transformado conforme as necessidades de cada época e, atualmente, essas críticas buscam colaborar para a evolução de sua prática.

As análises críticas da função social do esporte e da educação na nossa sociedade de classes levaram à teorização pedagógica crítica no âmbito da educação física a propor que o esporte fosse, através da ação pedagógica, desmistificado, ou seja, que o esporte como conteúdo da educação física fosse apresentado aos alunos e por eles discutido de maneira que pudessem compreender o significado e as funções sociais que esta prática desempenha na sociedade: um esclarecimento crítico acerca do esporte. (BRATCH, 2006, p. 39-40)

Bratch (2006) lembra duas propostas teórico-metodológicas do campo crítico para compreender a Educação Física no ambiente acadêmico¹ e levar esses debates para o âmbito escolar, a partir de seu entendimento teórico-prático. Tais

¹ Essas duas perspectivas são as que embasam o curso de licenciatura em Educação Física, do qual esse texto é Trabalho de Conclusão.

propostas são apresentadas nas obras do Coletivo de Autores (1992) e de Elenor Kunz (1991, 1994) que explicitam o esporte como um conteúdo da Educação Física, porém numa maneira crítica de ser mobilizado.

Pesquisar sobre esporte, formação de personalidade, emoção, benefícios do esporte, psicologia do esporte, questões subjetivas do esporte é um tema que necessita ser abordado para desmistificar questões levantadas sobre o pensamento do esporte para além do rendimento. O mesmo tem diversas outras abordagens subjetivas que, mesmo com o rendimento, pode levar aos cidadãos a terem benefícios na convivência social e desenvolvimento pessoal e profissional.

Nessa temática, levantei uma série de questões que auxiliaram na orientação deste trabalho. O que é esporte?; O que é e como se desenvolve a personalidade?; Quais os benefícios da prática esportiva para o desenvolvimento da personalidade?; Até que ponto a psicologia do esporte contribui para compreender a influência do mesmo na formação do cidadão?; O que são emoções - variáveis psicológicas?

No limite deste texto, estabeleci como foco de estudo a contribuição do esporte para formação da personalidade. Portanto, o **problema** desta pesquisa é: Qual a contribuição do esporte na constituição da subjetividade e qual o auxílio que pode oferecer para o individuo numa perspectiva social?

Por isso o **objetivo geral** deste estudo é identificar a contribuição do esporte para a constituição da subjetividade e o que pode oferecer para o indivíduo numa perspectiva social. E como **objetivos específicos**: compreender o desenvolvimento da subjetividade na perspectiva social; quais os elementos definidores da subjetividade na perspectiva social; quais os elementos constituidores da personalidade.

Esta pesquisa se fundamenta por um estudo bibliográfico, ocorrido durante o segundo semestre de 2012, em que se iniciou o estudo com base nos autores Bratch, Coletivo de Autores, Gonzales Rey, Kunz, Valladon, Samulsky, Lyra, Dobránsky e Battistuzzi. No decorrer da pesquisa continuei a investigação com outras fontes, em que a leitura e a produção de resenhas constituíram conceitos chaves para tal estudo. Tal monografia então ficou estruturada em três pilares centrais: O Fenômeno Esportivo; O Desenvolvimento da Personalidade; e,

Consciente e o Subconsciente: a Subjetividade Individual e a Constituição do Sujeito; que serão apresentados a seguir.

2 O FENÔMENO ESPORTE

Este capítulo trata do fenômeno esportivo, trago algumas definições sobre esporte para compreender o mesmo desde a sua modernização até os dias atuais e as influências que este exerce em diversos aspectos sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 70) consideram o esporte como sendo as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional.

Esporte é uma ação institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente (BETTI, 1991, apud BATTISTUZZI, 2005. p. 09)

Tubino et al (2000, apud BATTISTUZZI, 2005, p. 09) adota uma concepção enquanto ligação entre esporte e jogo em que constituía o esporte como uma “atividade social que se originou do jogo e se institucionalizou, e sua prática é um direito de todos. Tem como elemento essencial a competição e pode ser apresentado nas perspectivas da educação, do lazer e do rendimento.”

Com essas definições sobre esporte, começo a descrever que o mesmo se tornou um dos maiores fenômenos socioculturais do século XX e no século XXI segue o mesmo caminho. Diversos são os seus interesses: o bem estar físico, a promoção da saúde, os projetos sociais, o rendimento, etc. Dentro desse conceito se cria a ideia de esporte democratizado, com o discurso de que todos podem participar.

Contudo o esporte vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, o número de praticantes vem aumentando. Sejam eles preocupados em ocupar horas vagas, pelo lazer e prazer, na manutenção da saúde e/ou até por imposição da sociedade que venera o corpo perfeito.

Desde sua criação, o esporte se institucionaliza, não só na sua prática padronizada por regras, como na sua forma de organização associativa. As sociedades esportivas diferenciavam-se uma das outras, pelo esporte que

elegiam, pela comunidade a qual pertenciam e, paralelamente, pela categoria social ou categoria profissional de seus participantes. (SILVA, 1991, p. 49)

Com a evolução da sociedade, do homem, os conhecimentos acerca destes passam a ser orientados pelo conhecimento científico. O esporte, que faz parte de qualquer sociedade ou organização associativa, em qualquer lugar do mundo, torna-se cada vez mais estereotipado, regrado, mecânico, seletivo.

No seu desenvolvimento consequente no interior desta cultura, o esporte assumiu suas características básicas que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento. (BRACHT, 2005, p. 14)

Kunz (2006) trata sobre o interesse na análise do movimento nos esportes no livro “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte”. Refere-se a esta evolução no esporte como o interesse da ciência em melhorar cada vez mais o rendimento, o sentido funcional.

Bratch (2005) traz uma sugestão da Constituição Federal de 1988, que busca diferenciar o conceito de esporte em três manifestações: desporto-performance; desporto participação e desporto educação. Porém, elabora uma abordagem mais diferenciada, esquematizada num sistema dual: esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer.

O autor não adjetiva uma forma específica de educação, por entender que esta está nas duas abordagens. No sentido lato da palavra, em relação à educação, as duas propostas tem relação com a educação, porém, numa instituição de ensino, o autor acredita predominar o esporte de alto rendimento.

O esporte enquanto atividade de lazer obviamente também não é homogêneo, neste encontram-se formas que são imediatamente derivadas do esporte de rendimento ou espetáculo e que a ele muito se assemelham, como outras que dele divergem quanto a aspectos meramente formais, mas também, quanto ao sentido interno das ações. (BRACHT, 2005, p. 17)

Bracth (2005) cita Digel (1986), quando redimensiona o esporte de rendimento ou espetáculo atualmente em um sistema que assume um aparato para a procura de talentos, material humano, atletas que tem o esporte como principal ocupação, possui uma massa consumidora, que financia o esporte espetáculo, sistema de gratificação em função do sistema político-societal.

Já Peil faz uma abordagem na qual o esporte tem seus valores originais e chama atenção a que o esporte nasceu da vida, das atividades do homem em busca da evolução. Para o autor os valores fundamentais da própria vida do esporte são: agnóstico, lúdico e erótico, para Seirul-lo (1992, apud PEIL, 1997, p. 37):

O valor agnóstico trata da intencionalidade competitiva, trata da luta contra algo ou contra alguém, que inclusive pode ser eu mesma. Trata do sentido da luta pela superação, pela melhora, pela evolução. O valor lúdico trata do jogo, trata da brincadeira que não descarta regras, mas que tampouco descarta o prazer de jogar. Trata do que se faz porque se quer fazer, porque gosta. O valor erótico trata do prazer de sentir o próprio corpo na atividade esportiva, de vivenciá-lo. Trata do prazer do movimento como meu.

Segundo Seirul-lo (1992, apud PEIL, 1997) os valores originais conservam a própria identidade do esporte. A competição a qualquer preço, o uso de meios ilícitos, a seriedade em vez da brincadeira e do prazer, o uso do ser humano como mercadoria, seriam a utilização e interpretações do fenômeno por pessoas que visam interesses que estão além do esporte.

Concordo com Peil que o esporte nasce da vida e com seus valores originais, porém me parece que o autor desconsidera que a vida do ser humano só pode se desenvolver em determinado contexto sócio-histórico, produto de seu agir intencional. Em relação ao esporte Kunz (2006) traz um esclarecimento sobre o esporte de alto-rendimento, em que acredita que ocorrem dois problemas sérios, que são o treinamento especializado precoce e o doping, ou seja, analisa o esporte em sua realização nos determinantes histórico-sociais da sociedade contemporânea.

Fenômeno historicamente evoluído ou fenômeno moderno, o esporte na atualidade recebe diversas críticas na qual se passa por “culpado” por quem o não compreende quando o analisamos numa perspectiva determinista ou que o vê numa única dimensão. Quando isso ocorre, o esporte é tratado como “culpado” de ser o conteúdo trabalhado na escola; “culpado” de transformar o rendimento em trabalho; “culpado” por selecionar indivíduos numa perspectiva em que o melhor tem a chance e o pior é excluído, ou “culpado” de não ser oferecido suficientemente para que os indivíduos possam se desenvolver por seu meio.

Acredito que o esporte tem possibilidades de abranger a socialização do indivíduo, abranger o conhecimento, as relações pessoais, o desenvolvimento físico,

psicológico, etc. Portanto, abordarei a história do esporte para compreender mais este fenômeno atual.

2.1 HISTÓRIA DO ESPORTE

As antigas civilizações já tinham atividades físicas/pré-esportivas em suas culturas, a maioria com características utilitárias. Com a institucionalização práticas esportivas foram sendo codificadas, surge então o esporte moderno.

A ruptura entre esporte moderno e jogos tradicionais se dá por uma progressiva autonomização do campo esportivo em relação aos outros campos sociais (campo religioso, ritual, etc.). Tal ruptura se expressa na constituição de tempos e espaços específicos próprios às práticas esportivas (campos, estádios, ginásios, velódromos, etc.), em oposição aos jogos tradicionais instalados nos espaços ordinários das atividades cotidianas, subtraídos temporariamente de suas ocupações corriqueiras. (MARTINS, ALTMANN, 2007)

No decurso do século XIX, algumas atividades de lazer exigindo esforços físicos assumiram também noutros países as características estruturais de esportes. O quadro de regras, incluindo aquelas que eram orientadas pelas ideias de “justiça”, de igualdade de oportunidades de êxito para todos os participantes, tornou-se mais rígido. As regras passaram a serem mais rigorosas, mais explícitas e mais diferenciadas. (MARTINS, ALTMANN, 2007, p. 4)

O esporte moderno resultou de um processo de modificação, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares e, também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo se inicia em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do XX. (BRATCH, 2005)

O declínio das formas de jogos populares inicia-se em torno de 1800. Eles parecem ficar paulatinamente fora de uso, porque os processos de industrialização e urbanização levaram a novos padrões e novas condições de vida, com as quais aqueles jogos não eram mais compatíveis (Dunning, 1979, 42). Com isso, os jogos tradicionais foram esvaziados de suas funções iniciais, que estavam ligadas às festas (da colheita, religiosas, etc.). (BRATCH, 2005, p. 13)

Ao final do século XVIII as escolas secundárias inglesas aderiram aos esportes como meio de desenvolvimento educativo e essa atitude foi adotado também pelas universidades. Já no final do século XIX o poder econômico e político da Inglaterra promoveu a divulgação dos esportes para o resto do mundo. (BATTISTUZZI, 2005)

A história de um esporte não é meramente a atividade isolada de indivíduos ou grupos, nem apenas um número de mudanças não padronizadas, mas uma sequência padronizada de alterações na organização, nas regras e na configuração atual do próprio jogo, o qual se orienta em direção a um estágio específico de equilíbrio de tensão. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 231)

O poder econômico também teve uma considerável importância nesse processo. A crítica severa ao esporte, nos dias atuais, é de que ele assumiu valores capitalistas, que visa o lucro, com esses ideais o homem se torna um produto, uma mercadoria rentável, o homem é visto como instrumento, pois a máquina é o modelo, automatização é igual a sucesso, rendimento.

Silva (1991) mostra um ponto de partida para tal mercadorização do esporte. O que antes era algo voltado só para a burguesia evoluiu e se tornou uma ferramenta do capitalismo.

O esporte atendeu, até por volta do início deste século, as necessidades da nova sociedade que se estruturava e de sua ordem econômico-social. Paralelamente a isso, alguns fatos chamam a atenção e apontam para a gestação de novas formas de uso do esporte, no final do século passado. (SILVA, 1991, p. 50)

A autora aponta que o esporte já era praticado por milhões de pessoas no mundo, como o futebol. Lembra também da profissionalização do esporte. Mas, o que chama mais a atenção da mesma é o aumento do número de expectadores do esporte.

O ciclismo, um dos esportes pioneiros, é um bom exemplo dessa situação e de suas consequências sobre as características que o esporte irá assumir posteriormente. Nas competições ciclísticas de 1890, "falar em *record* é falar em *recordman*, como é chamado o campeão. Nos percursos, nas pistas dos velódromos, os campeões se destacam e se tornam estrelas - a palavra é rapidamente adotada na América. Sem as estrelas não há público, não há renda, não há prêmio que incentive as performances, não há sensação, nem publicidade, nem vendas" (WEBER, 1986:17). Essa constatação de Eugen Weber indica o "comercialismo" crescente em torno do esporte. Indica a passagem gradativa deste fenômeno cultural, da prática

simples para a prática com assistentes pagantes. Essa passagem confere ao esporte, uma nova caracterização, definitiva para sua prática e análise teórica - o estatuto de mercadoria. (SILVA, 1991, p. 50).

A autora se refere que esse fenômeno atual, a própria evolução do esporte, a evolução da sociedade, também recebe influência do público que assiste, que compra, que coloca o status do esporte, de atletas, de instituições como algo a se venerar. Há uma possibilidade, e grande aliás, de que essa veneração fecha os olhos dos consumidores do esporte. Tornando-os “bitolados” em não se dar conta da influência que sofrem e dos benefícios possíveis que o esporte pode trazer para cada indivíduo.

Um exemplo claro, lembrando a abordagem de Bratch (2005) já comentada, é de que quando um grupo de amigos se reuniu para começar a jogar tênis de campo, apenas por diversão, uma pessoa comentou se era necessário comprar algum tênis especial, algum tênis para a prática esportiva deste esporte. Ou seja, existe um tênis para o futebol, um tênis para a caminhada, um tênis para o voleibol, um tênis para o futsal, um tênis para esportes radicais, enfim, um exemplo claro de como o esporte se tornou mercadoria e exerce grande influência nas demais áreas do comércio, principalmente sobre o imaginário do público: para a prática do tênis de campo preciso de um equipamento específico, um tênis próprio para essa atividade.

O que é seletivo, regado, para poucos, torna-se algo desejado por todos. Um possível sonho, em que a maioria talvez pense que é uma saída para alguns problemas sociais. Ele pode contribuir para isso, mas não da forma como, predominantemente, é encarado. Este equívoco é influência de estratégias políticas para condicionar a população a aceitar e acreditar que está tudo bem. Ou seja, que “esporte é para todos”, que “esporte é saúde”, que “esporte tira das drogas”...

Essa influência ocorre em qualquer lugar: se você está em casa e ligar a televisão verá matérias falando que existem roupas especiais para os nadadores nadar mais rápido; se você entra na escola existe o conteúdo esporte que é trabalhado normalmente voltado para a competição.

2.2 ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

“Até os dias atuais, a Educação Física escolar pode ser confundida com o esporte, ou seja, o esporte é conteúdo de referência para a maioria dos alunos e para alguns profissionais da área [...]” (BATTISTUZZI, 2005. p. 09). Esta estruturação, da qual a Educação Física atual é decorrente de uma influência historicamente construída, já denunciada por Kunz em 1994, apresentarei a seguir.

Para compreender como essa prática corporal se torna hegemônica na Educação Física brasileira procurarei demonstrar como alguns autores descreveram esse processo. Segundo Darido (2003), a inclusão oficial da Educação Física na escola ocorreu no Brasil ainda no século XIX, em 1851, com a reforma Couto Ferraz, que tinha como objetivo uma série de medidas para melhorar o ensino. Em 1854, a sua regulamentação foi expedida e entre as matérias a serem obrigatoriamente ministradas estavam, no primário, a ginástica, e no secundário, a dança (BETTI, 1991).

É a partir desse período que a Educação Física começa a assumir seu caráter higienista. Fazendo uso da ginástica, o Estado passou a desenvolver ações pedagógicas na sociedade, com ela julgava poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade. (BENVEGNÚ Jr., 2011)

A partir de meados da década de [19]30, a concepção dominante na Educação Física é calcada na perspectiva higienista. Nela, a preocupação central é com hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício (DARIDO, 2003, p. 01)

O objetivo da Educação Física era então, formar o indivíduo perfeito, um homem forte com hábitos saudáveis e higiênicos para aprimorar a raça humana.

Em seguida, a Educação Física integrada na matriz curricular sofre grande influência militar. No modelo militarista os objetivos eram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, por isso era importante selecionar indivíduos perfeitos. (GHIRALDELLI, 1988)

O importante era formar indivíduos fortes para defender a pátria e os seus ideais. Enaltecendo nas aulas de Educação Física a aptidão física.

Após as grandes guerras, o modelo americano denominado Escola Nova fixou raízes, notadamente no discurso da educação e especificamente da Educação Física, influenciado pelo educador Dewey e em oposição à escola tradicional. [...] Quando faz referências a este período da história da Educação Física, Ghiraldelli Jr. (1988) lembra que, apesar da adoção da concepção pedagógica, não houve o abandono na prática de uma Educação Física comprometida com uma organização didática ainda sobre parâmetros militaristas. Contudo, a proposta escolanovista explicita formas de pensamento que, aos poucos, alteram a prática da Educação Física e a postura do professor. (DARIDO, 2003, p. 2)

BENVEGNÚ JR., (2011, p. 6) lembra que logo após as grandes guerras, já na década de 40, este movimento de Escola Nova foi iniciado na Europa e nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX.

Sua origem se deu resultante de uma nova visão dos adultos em relação às crianças, que mereciam melhor atenção, pois até esse momento eram vistas como adultos em miniatura. [...] Isso quer dizer que ao invés de destruir ou excluir, passaria a prolongar a infância nas crianças, explorando caracteres próprios, suas potencialidades, despertando-a para a curiosidade e para a experimentação.

Em seguida, com a chamada “desmilitarização” da Educação Física o pensamento passa ser desportivo. O governo militar, a partir de 1964, passa a investir pesado no esporte com a tentativa de promover o país. Nas aulas, o professor assume um papel de treinador enquanto ao aluno correspondia o de atleta. Os indivíduos “comuns” eram excluídos das aulas. O esporte passa a ocupar cada vez mais o espaço da Educação Física e seu auge ocorre na década de 1970, em que o esporte era sinônimo de nacionalismo.

A partir da década de 1980, com o fim do governo militar, a Educação Física passa por um período de valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência. A discussão sobre Educação Física na escola contribui para que seja rompida, ao menos no nível do discurso, a valorização do desempenho como único objetivo na escola. (DARIDO, 2003, p. 03)

Ainda para a autora em oposição as vertentes mais tecnicista, esportivista e biologicista surgem novos movimentos inspirados no novo momento histórico social do país. No Brasil, com a Revolução Cultural, há um debate sobre tendências progressistas. A escola passa a ser vista não mais como redentora, mas como espaço para formular pensamentos críticos sobre a classe dominante. Nas

tendências progressistas de educação há três linhas de pensamento: Libertadora, Libertária e Crítico-Social. (LIBÂNEO, 1999).

Algumas propostas na Educação Física obtiveram repercussão.

A desenvolvimentista, que seu foco principal é o desenvolvimento da criança, sua progressão normal do crescimento físico, motor, cognitivo, fisiológico e social. Os autores desta abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, propugnando a especificidade do seu objeto. Sua função não é desenvolver capacidades que auxiliem a alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora tal possa ocorrer como um subproduto da prática motora.

Abordagem da psicomotricidade: Surge a partir da década de 70 em contraposição aos modelos anteriores. Nele o envolvimento da Educação Física é com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, buscava garantir a formação integral do aluno. (SOARES 1996 apud DARIDO 2003). O autor que mais influenciou essa abordagem foi Le Bouch.

Entre outras diferentes formas de conceber a Educação Física, que também criticavam as características vigentes, como, por exemplo, a Concepções Abertas no Ensino da Educação Física (HILDEBRANDT; LAGING, 1986), Educação de Corpo Inteiro (FREIRE, 1989), Abordagem Cultural (DAÓLIO, 1993), Abordagem dos Jogos Cooperativos (BROTTO, 1995), Saúde Renovada (GUEDES; GUEDES, 1996 e NAHAS, 1997), entre outras.

Para a Educação Física, nessa proposta de pensamento há duas abordagens que obtiveram maior repercussão no âmbito acadêmico com respectivas tentativas de suas aplicações na prática pedagógica escolar. São elas a crítico-emancipatória e a crítico-superadora.

A crítico-emancipatória, através de uma transformação didático-pedagógica do esporte, auxilia na contribuição para a reflexão crítica e emancipatória. Uma educação no sentido crítico-emancipatória significa estar presente na prática uma didática comunicativa, pois ela tem o objetivo de esclarecimento e formação de pessoas racionais, onde possa ser capaz de pensar, agir, criticar e se impor, ou seja, ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva. Através de ações comunicativas o aluno desenvolverá a capacidade de conhecer, reconhecer e

problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2001)

Kunz (2001) acredita que as proposições metodológicas presentes neste processo de ensino possibilitam aos alunos uma permanente busca por soluções individuais e/ou coletivas, permitindo ao mesmo um agir independente, uma cooperação e uma comunicação com o grupo e com o professor, adquirindo, assim, um saber de maior relevância para sua emancipação.

No esporte o estado inicial é a falsa consciência que as pessoas têm de que o esporte de alto rendimento é o modelo adequado a seguir para todos, inclusive na escola. Os profissionais de Educação Física também não percebem o poder dessa “falsa consciência” e da “coerção auto-imposta” vinculadas ao ensino dos esportes, pois se submetem as suas exigências, pré-condições físicas e técnicas, limitando as possibilidades alternativas e criativas. Pelo contrário acabam fazendo parte dos “tutores” reforçando a falsa consciência e legitimando a coerção auto-imposta. (KUNZ, 2001)

O esclarecimento e a conseqüente libertação pela falsa consciência e a coerção auto-imposta não é tarefa somente da Educação Física, mas de todo um processo educacional. Mesmo esta responsabilidade não sendo somente da Educação Física, é através das aulas da mesma que se inicia uma auto-reflexão sobre o esporte, de como ele pode ser praticado sem estar alienado as suas regras e técnicas de alto rendimento. Através da auto-reflexão os alunos podem perceber que sua forma de consciência é falsa e que a coerção que sofrem é auto-imposta, tornando-se sujeitos emancipados, pois o próprio ato de refletir já é um movimento de emancipação. (KUNZ, 2001)

Já a Crítico-Superadora tem seu embasamento no discurso da justiça social no contexto da sua prática, em que se busca levantar questões de poder, interesse e contestação, fazendo-se uma leitura à luz da crítica social dos conteúdos. “A proposta crítico-superadora é baseada no marxismo e neomarxismo, tendo recebido na Educação Física grande influência dos educadores José Libâneo e Dermeval Saviani.” (DARIDO, 2003, p. 08)

Para realizar a escolha, a organização e a sistematização dos conteúdos, segue alguns princípios curriculares no trato com o conhecimento. São eles:

relevância social dos conteúdos; contemporaneidade do conteúdo; adequação as possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno; estes para a seleção de conteúdo. Já na sistematização dos conteúdos: confronto e contraposição de saberes; simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; espiralidade da incorporação das referências do pensamento. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Ainda de acordo com o Coletivo de Autores (1992), a pedagogia crítico-superadora tem características específicas. Ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. Esta pedagogia é também considerada teleológica, pois busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete.

Para a aula de Educação Física não basta gestos estereotipados, que visa a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimento em relação ao corpo e ao movimento e construa uma autonomia. Entendendo a realidade no qual está inserido na sociedade e possa, a partir da autonomia, compreender diversas situações. O esporte, como conteúdo da Educação Física, deve colaborar na superação do conhecimento prévio do aluno.

Cabe ao professor então, entender e dominar o conhecimento científico e teórico para subsidiar suas atitudes dentro da escola. Suas ações pedagógicas e demais saberes escolares que irão construir e contribuir na formação de indivíduos.

Como já vimos o esporte exerce grande influência em diversas áreas sociais. Na escola é conteúdo base da grade da Educação Física, no parque sempre haverá uma quadra, os pais que querem ocupar o tempo dos filhos pensam logo numa prática esportiva, pois o esporte é muito bem vendido, assim por diante.

O esporte espetáculo enche os olhos de quem o vê e passa a ser desejo de muitos, influenciando diversas situações. Para quem ainda duvida disso, basta olhar o penteado dos meninos, ou quem sabe nos tênis, nas roupas, que haverá grandes marcas que, por incrível que pareça, são patrocinadoras dos atletas e, “curiosamente”, vendem muito bem seus produtos através do esporte.

A seguir então, inicio um esclarecimento sobre o desenvolvimento da personalidade para embasar o discurso enquanto esporte e formação da personalidade.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Até mesmo o homem-macaco cedo aprendeu pela vivência que certos membros eram bons ou maus, estúpidos ou inteligentes, insensíveis ou de rápidas reações emocionais.

Definir o que é personalidade pode criar um problema que é o de delimitar um aspecto tão individual, porém tão imenso. Talvez possa ser o conjunto organizado de processos e estados psicológicos do indivíduo, mas nessa definição, acaba por desconsiderar algumas influências e/ou fenômenos, naturais e/ou físicos. Vários autores buscam explicitar o que podemos compreender por personalidade. Apresentamos brevemente alguns deles.

Para Valladon (1988), Personalidade, de início, exige a compreensão do próprio conceito como elemento que distingue o humano, ou aquilo que se lhe assemelha, por antropomorfismo; mas há também um sentido qualificado positivo, quando se diz que um indivíduo pode ter ou não ter personalidade. Ao mesmo tempo a palavra é empregada para designar o núcleo central e profundo do ser.

A personalidade é uma estrutura dinâmica integrativa e integrante, que assegura uma unidade relativa e a continuidade no tempo do conjunto dos sistemas que explicam as particularidades próprias de um indivíduo, de sua maneira de sentir, de pensar, de agir e reagir em situações concretas. (VALLADON, 1988, p. 01)

Jung (1981) observa que ter personalidade implica uma totalidade psíquica, dotada de decisão, resistência e força. Sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade, o que não pode nem deve ser exigido da criança, uma vez que isso faria com que perdesse sua infantilidade, que lhe é própria. Mas, se a criança puder ver isto em um adulto que a eduque, crescerá sendo estimulada por suas realizações.

Atingir a personalidade significa o melhor desenvolvimento possível da totalidade de um indivíduo. Não é possível calcular o número de condições que devem ser satisfeitas para que isto aconteça, pois, envolve o desenvolvimento de aspectos, bio, psico, sociais e espirituais. (JUNG, 1981)

Personalidade é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a melhor possível, a tudo

que existe de universal, tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria. A personalidade se desenvolve no decorrer da vida e somente pela nossa ação e pelo modo através do qual agimos, é que pode ser vislumbrada. De início não sabemos o que está oculto em nós, que feitos sublimes ou que crimes estão contidos em nós, que espécie de bem ou de mal. Ninguém desenvolve sua personalidade porque alguém disse que é isto o que precisa ser feito, a natureza não se deixa impressionar por falatórios. (JUNG, 1981)

Martins (2011) trata o tema da personalidade iniciando pelos processos psíquicos de cada indivíduo. A autora lembra que o reflexo psíquico:

desenvolve-se com a complexificação estrutural dos organismos por meio da atividade que a sustenta. [...] parte da tese do materialismo da existência dos fenômenos fora e independentemente da consciência humana, pressupondo a apreensão criativa da realidade objetiva que é então, refletida, isto é, (re)construída no plano da subjetividade. (MARTINS, 2011, p. 63)

A unidade entre o real e o ideal é garantida pela atividade vital humana, que ao mesmo tempo é mediatizada e mediatizadora do reflexo psicológico. Tal discussão tem como base a produção da psicologia Histórico-Cultural desenvolvida no século XX por um grupo de pesquisadores russos. Leontiev (1978, p. 183) afirma que a atividade, em suas etapas iniciais do desenvolvimento, “tem a forma de processos externos pelos quais a imagem psíquica surge como produto desse processo.” Portanto, a atividade é uma manifestação em atos pela qual o homem se firma na realidade objetiva ao mesmo tempo em que a transforma em realidade subjetiva.

Martins (2011, p. 65) traz de Rubinstein (1960) três teses básicas para caracterizar a consciência nos marcos da concepção histórico-social. A primeira é a de que “A consciência é a forma específica do reflexo da realidade objetiva, a qual existe fora e independentemente da consciência.” A autora observa que essa tese pressupõe

que a consciência não se determina unilateralmente no contato imediato com o objetivo mas, sim, na relação sujeito-objeto, sendo, portanto expressão do sujeito na construção dos reflexos do objeto e expressão do objeto na construção da consciência. A consciência revela-se como manifestação do sujeito e do objeto. (MARTINS, 2011, p. 65)

A segunda tese é: “A vivência psíquica é algo dado diretamente, mas conhece-se e aprecia-se pela relação com o objeto. O fenômeno psíquico é a unidade do imediato e do mediato” (RUBINSTEIN, 1960, apud MARTINS, 2011, p. 65). Ou seja,

os processos psíquicos embora dados diretamente à consciência, incluem conexões para além do mundo interno da consciência. A vivência psíquica, a experiência configuradora da vida do indivíduo, é produzida pela relação com o mundo objetivo externo e só pode ser determinada com base nessa relação. A consciência como componente derivado e ao mesmo tempo confirmação da existência social e real do homem, evidencia todo o seu ser, constituindo-se pela contextura de sua vida, pelos seus atos e realizações. (MARTINS, 2011, p. 65-66)

E a terceira tese consiste em que

A consciência do homem não é um mundo interno e isolado em si, no seu estudo interior propriamente dito, pois, determina-se pela sua relação com o mundo objetivo. A consciência do indivíduo não é redutível a uma subjetividade pura, isto é, abstrata, que se defronte externamente com tudo o que seja objetivo. (RUBINSTEIN, 1960, apud MARTINS, 2011, p. 66)

Portanto,

a consciência não pode ser identificada exclusivamente com o mundo das vivências internas, mas, sim, aprendida com o ato psíquico experienciado pelo indivíduo e ao mesmo tempo expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo. (MARTINS, 2011, p. 66)

Para Leontiev (1978), a consciência é a expressão de uma forma superior de psiquismo que surge por consequência da transformação evolutiva, da complexificação e hominização do cérebro humano, sendo que nesse processo histórico de transformação operam da maneira decisiva o trabalho e o desenvolvimento da linguagem.

Martins (2011, p. 66-67) assevera que, para Vásquez² (1977),

podem-se distinguir duas formas de expressão da atividade consciente. Uma, abrangendo a produção de conhecimentos, isso é, elaboração de conceitos, hipóteses, leis, teorias pelas quais o homem conhece a realidade, a outra forma de expressão se revela na produção de finalidades, dos

² Importante filósofo marxista do século XX, que desenvolveu estudos sobre a relação prática do homem com o seu entorno, numa unidade dialética denominada de práxis.

objetivos que procedem e orientam as ações humanas. (MARTINS, 2011, p. 66-67)

A partir das definições desses autores, Martins (2011, p. 67) define a consciência como um sistema de conhecimentos que se formando no homem “à medida que ele vai aprendendo a realidade, pondo em relação as suas impressões diretas com os significados socialmente elaborados e vinculados pela linguagem, expressando as primeiras através das segundas.”

Por essa relação em que a atividade de transformação da realidade é um fator objetivo, o individuo estabelece uma conexão com o universo, firmando-o como dado de sua subjetividade ao desenvolver consciência. Este processo é acompanhado de reações emocionais e sentimentos.

3.1 EMOÇÃO - VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS

Como sabemos que estamos emocionados? Sinais ou sintomas demonstram tal emoção: frio na barriga, “suar frio”, tremer, taquicardia, chorar, rir... Já está claro que a emoção interfere no comportamento humano. Diversos estudos buscaram compreender a palavra chave de todas as variáveis psicológicas.

Os psicólogos e pensadores sempre se preocuparam em compreender a natureza das emoções. Uns entendiam-na como uma alteração fisiológica provocada pelos estímulos do ambiente e que é transmitida pela percepção sensorial (**James-lange**); mais tarde vieram a concebê-la como dependente da percepção que o homem tem sobre determinada situação, isto é, de como entendemos e compreendemos determinadas situações (**Cognitivista**). O próprio Freud vem ampliando o conceito de emoção para o de afeto [...]. (CASANOVA; SEQUEIRA; SILVA, 2009, p 4-5 – negrito no original)

Segundo Casanova, Sequeira e Silva (2009), Henri Wallon elaborou uma teoria da emoção, para ele, a emoção tem dupla origem, tanto biológica como social, e ela garante a sobrevivência da espécie humana. É na convivência com o outro e com o grupo social que aprendemos a identificar, nomear e lidar com as nossas emoções. Para os autores, Gonzalez Rey vem enfatizando a necessidade de compreender não como uma oposição à objetividade, mas como um processo de constituição psíquica do sujeito que se objetiva, que ganha um estatuto ontológico,

com implicações profundas em termos da abordagem. (CASANOVA, SEQUEIRA, SILVA, 2009)

Porém, como alertam os autores, não podemos confundir emoção com sentimento. Sentimentos são informações que os indivíduos são capazes de sentir nas situações que vivenciam, porque, conforme observado, é um estado psicofisiológico. “Podemos dizer que sentimento é uma consequência da emoção com características mais duráveis.” (CASANOVA, SEQUEIRA, SILVA, 2009, p. 7)

Martins, por sua vez, relata que na perspectiva Histórico-Cultural, expressa nas obras de Vygotsky, Leontiev, Rubinstein e Petrovski, que a emoção é inconsciente e o sentimento, pelo contrário, consciente.

Ao longo da história do desenvolvimento humano, as emoções vão adquirindo uma dimensão motivacional à medida que passam a sustentar o sentido do experimentado, podendo, por essa razão, tanto organizar quanto desorganizar a atividade. É por influência decisiva da cultura que as atitudes emocionais, os afetos, vão adquirindo caráter de sentimento. (MARTINS, 2011, p 82)

Diversas podem ser as emoções: o medo, a tristeza, alegria, raiva, vergonha, enfim, são tantas que nem grandes pesquisadores tem absoluta certeza do número exato de emoções. Tais emoções despertam certas atitudes nos indivíduos. Podemos compreender então, que emoção é o impulso das variáveis psicológicas.

A concepção socioistórica do psiquismo, ao apontar a dimensão integral do homem, revela em sua compreensão a unidade necessária entre os aspectos cognitivos e afetivos presentes na atividade e na consciência, abrindo as possibilidades para desvelar da personalidade. (MARTINS, 2011, p. 84)

Essas considerações fazem-nos compreender o homem como indivíduo social real: que faz, pensa e sente em um determinado espaço em determinado período histórico. É nesse ponto que nos deparamos com a personalidade.

Para Martins (2011) a personalidade resulta de relações dialéticas entre fatores externos e internos sintetizados na atividade social do indivíduo.

[...] a personalidade é processo, é desenvolvimento resultante da relação entre dois aspectos da sociedade, sendo um deles de natureza objetiva e o outro, de natureza subjetiva, portanto, aspectos em princípio opostos. O curso do seu desenvolvimento assenta-se exatamente no processo

dinâmico pelo qual o primeiro se converte no segundo, e vice-versa. (MARTINS, 2011, p. 87)

A personalidade resulta então, da unidade e luta entre indivíduo e sociedade. O indivíduo constitui-se por sua coesão com a sociedade, entretanto, sua existência enquanto tal reside exatamente em sua autodiferenciação para ela, o que confere inclusive o papel de sujeito no processo de construção dessa sociedade. “A personalidade constitui uma formação integral de um tipo especial que não pode ser inferida da atividade adaptativa, pois é criada, realizada, pelas relações sociais que o indivíduo estabelece por meio de sua atividade.” (MARTINS, 2011, p. 88)

Podemos resumir então que a personalidade

é processo resultante da síntese de aspectos objetivos e subjetivos, produto da atividade individual condicionada pela totalidade social, constituindo-se como autoconstrução da individualidade graças à atividade e consciência historicamente construída. Essas proposições guardam os elementos fundamentais para a compreensão da gênese da personalidade, que, por sua vez, condiciona sua estrutura e suas funções. (MARTINS, 2011, p. 91-92)

Segundo a autora é preciso deixar claro que cada pessoa tem uma particularidade do psiquismo gerada pela atividade humana, em que se desenvolvem diferentes propriedades da personalidade. Cita Smirnov et al. (1960) em que organizam essas propriedades em três grupos: temperamento; capacidades e aptidões; e caráter.

Quanto ao temperamento são qualidades naturais que sustentam o aspecto dinâmico da atividade psíquica do indivíduo, ou seja, representam seus aspectos mais estáveis, biologicamente arraigados e muitas vezes herdados. (MARTINS, 2011, p. 93) A autora resgata que mesmo depois do nascimento o cérebro continua a se desenvolver. Neste processo operam experiências sensoriais, emocionais e cognitivas, de tal forma que experiências formativas tradicionalmente consideradas puramente sociais ou psicológicas na verdade sustentam a criação de conexões neurônicas e o estabelecimento de parâmetros hormonais e emocionais que tornam único o cérebro de um indivíduo, bem como os padrões de comportamento que ele adquire.

Tendo em vista, porém, que o tipo de sistema nervoso não é algo invariável, o temperamento do indivíduo pode mudar por influência das condições de

vida e de atividade. Isso significa dizer que as particularidades do temperamento não estão condicionadas somente pelas qualidades naturais do sistema nervoso. Dependem das influências às quais o indivíduo está constantemente submetido ao longo de sua vida, da educação e da aprendizagem. (MARTINS, 2011, p. 97)

Quanto às capacidades, Martins (2011, p. 99) define como formações complexas, ensejam um conjunto de propriedades psíquicas que são condições para a realização exitosa de um certo tipo de atividade socialmente útil, historicamente formada. O autêntico desenvolvimento do homem constitui uma consolidação, um progresso e o resultado de suas capacidades e aptidões. Assim sendo, “o desenvolvimento de capacidades transcende o sentido utilitário do conhecimento e da ação e, por isso, implica sempre possibilidades de análises, sínteses e generalizações”.

Martins (2011, p. 100) acrescenta que essa segunda unidade, a capacidade, deve haver um importante reconhecimento, pois, “são como qualidades psíquicas mais amplas e estáveis da pessoa”.

Já o caráter, na tradução literal do grego, quer dizer marca ou cunho. Em psicologia assume a noção de características ou trações essenciais que servem para denominar ou representar as pessoas. Esse caráter manifesta-se em todos os seus comportamentos e relações com o mundo.

Os traços de caráter são sistemas de reações do homem resultantes de seu reflexo psíquico da realidade e reforçados por influências do meio social. São, portanto, reações de resposta que se tornam traços de caráter por sua estabilidade na relação homem-mundo. [...] o caráter do indivíduo não representa, porém, uma soma de traços isolados, mas, sim, uma unidade constituída por inter-relações e influências mutuas entre eles. (MARTINS, 2011, p. 103)

De um ser em princípio que só é capaz de reagir a um limitado círculo de estímulos sensoriais, surge um ser racional, dotado de funções psicológicas complexas, capaz de captar com cada vez maior profundidade, a realidade e modificá-la, ou seja, o desenvolvimento individual do ser humano. Esse desenvolvimento cria as condições e possibilidades para a afirmação de relações próprias para com a cultura e para com os outros homens, provocando um nível de funcionamento consciente cada vez mais complexo. (MARTINS, 2011)

A partir desse momento considero importante retomar a discussão da relação entre objetividade e subjetividade. Como relatado acima, a personalidade ocorre como síntese desse processo. Porém, é corrente em nosso meio considerarmos a subjetividade como independente da objetividade, como pura relação abstrata. Para explicitar esse tópico, vou expor, ainda que sumariamente, a questão abordando a relação consciente e subconsciente na constituição do sujeito para, então, tomar as devidas conclusões sobre a relação entre esporte e desenvolvimento da personalidade.

3.2 CONSCIENTE E O SUBCONSCIENTE: A SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Os termos consciente e subconsciente geralmente são descritos da seguinte forma: a) consciente se pode classificar como conhecimento: quem sabe o que faz, atitude previamente analisada; b) subconsciente: semiconsciência ou consciência imperfeita e obscura, parte da psique que está fora do consciente, atividade do intelecto, realizados fora da percepção individual. Neste item apresentarei um pouco mais sobre assimilações nas quais antecedem atitudes individuais.

Diversos autores utilizam da obra de Vygotsky para configurar as possibilidades de análise da subjetividade e da constituição do sujeito. É comum entre os autores trabalhar a partir do enfoque sócio-histórico. Dentre os autores que analisam a constituição do sujeito priorizando os aspectos intrapsicológicos, Molon (2003) destaca Jaan Valsiner.

Nos esforços de definir a relação do indivíduo com a sociedade, (VALSINER, 1993, apud MOLON, 2003, p. 50) estabelece três tipos possíveis de interpretação na sociogênese. Os três tipos são: aprendizagem harmônica, fusão e contágio.

A noção da aprendizagem harmônica está baseada no fato de que o mundo social providencia as informações necessárias para o desenvolvimento pessoal e para a participação na sociedade. [...] está centralizada nos aspectos estruturais da informação social, assegurando o aprendizado nas funções intrapsicológicas. [...] a fusão está fundamentalmente na unificação, não-estruturada, dos aspectos dinâmicos do mundo pessoal e social, podendo levar a dissolução do sujeito pela eliminação da ordem estrutural dos mundos sociais, ou seja, ocorre o predomínio demasiado dos aspectos

dinâmicos da sociogênese. [...] o contágio tenta integrar os aspectos estruturais e dinâmicos da pessoa e da sociedade, baseia-se na metáfora do contágio das doenças infecciosas. O contágio é entendido como um processo em que a pessoa pode neutralizar a infecção ou resistir a ela.

Segundo a autora, Valsiner está preocupado com a construção conjunta da pessoa e da sociedade e, especialmente, com a preservação e com a sobrevivência da pessoa. Molon (2003, p. 51) explica que o autor compreende que a pessoa constrói uma “cultura pessoal” através de sua experiência prévia e o desenvolvimento de estratégias que a diferenciarão da cultura coletiva.

A cultura pessoal comporta tanto a internalização quanto a externalização do fenômeno subjetivo. [...] A noção de “cultura pessoal” sedimenta-se na afirmação de Van der Veer & Valsiner (1991) de que todas as pessoas envolvidas no discurso social são co-construtoras de idéias, já que o mundo social caracteriza-se pela heterogeneidade de conceitos com significados diferentes, em que as pessoas podem usar os conceitos, ajustar os significados, rejeitar ou integrar essas idéias na estrutura cognitiva. (MOLON, 2003, p. 51)

Dessa maneira as ideias estão presentes nos indivíduos ao mesmo tempo que estes estão participando das relações sociais. O autor então adota a existência de dois mundos: o pessoal e o social. Portanto, “o desenvolvimento do ser humano opera em paralelo no domínio intrapsicológico e no mundo social”. (MOLON, 2003, p. 52)

Criar uma dualidade, que é o que o autor faz, dando a “possibilidade” do indivíduo ser capaz de escolher o que ele quer ou o que ele não quer da chamada cultura coletiva, é ser otimista até demais, pois assim não há influência, já que o indivíduo pode elaborar estratégias de resistências, caracterizando uma abordagem mais desenvolvimentista individualizada do que dialética.

Já Wersch (1988, apud MOLON, 2003) focaliza as propriedades dos processos interpsicológicos que permitem a transição ao plano intrapsicológico. Parte do pressuposto de que o funcionamento interpsicológico está ligado ao funcionamento intrapsicológico. O autor apresenta dois processos fundamentais na análise do funcionamento interpsicológico que é a definição da situação e os níveis de intersubjetividade.

A definição de situação é o modo como se representam ou se definem os objetos e os acontecimentos em uma situação. E os níveis de intersubjetividade estão relacionados às diferentes maneiras de

participação, compartilhadas pelos interlocutores em uma definição da situação. (MOLON, 2003, p. 54)

De acordo com Wersch (1988, apud MOLON, 2003), a comunicação deve basear-se em um nível mínimo de definição da situação compartilhada. Nesse sentido, os relacionamentos, a socialização ocorrem pela constituição de uma realidade social temporalmente compartilhada por negociação semioticamente entre as pessoas envolvidas na definição da situação. “Wertsch (1988) afirma que se podem identificar pontos de intersubjetividade na Zona de Desenvolvimento Proximal, ou seja, reconhecer níveis de intersubjetividade na situação compartilhada entre o adulto e a criança”. (MOLON, 2003, p. 54) Tais níveis podem ser: que a criança é tão diferente do adulto que a comunicação é quase impossível; em seguida, que já há um entendimento na situação mínima compartilhada; um terceiro nível no qual a criança faz interferências esclarecedoras e; num quarto nível, em que essa intersubjetividade é completa.

Portanto, o autor elabora um modelo do que deveria ser a relação ideal entre o adulto e a criança, concebendo a existência de diferentes níveis intersubjetivos, como se existisse um nível completamente harmônico, conseqüentemente ideal, na relação do adulto com a criança. (MOLON, 2003, p. 56)

Os autores – Valsiber e Wersch – em suas análises acabam não levando em consideração pontos importantes para a constituição do sujeito. Há um relacionamento, há opiniões, há influências, há atitudes que são bases para que sejam tanto intra como interpsicológicos balizadores da personalidade no enfoque sócio-histórico.

Na sequência procuramos esclarecer esse complexo processo da relação inter e intrapsicológica que tem como base fatores objetivos e subjetivos.

3.2.1 Fatores Objetivos e Subjetivos no Desenvolvimento Humano

Além de todos os fatores naturais, genética, por exemplo, fatores objetivos e subjetivos influenciam no desenvolvimento humano para tal indivíduo conviver em sociedade. Uma ação, por exemplo, como reportagens que são transmitidas em qualquer canal de televisão, caracteriza-se como algo concreto, realizável,

mensurável, pode assinalar então como objetivo, que existe e que está à disposição de todos.

Uma questão absolutamente fundamental em qualquer sociedade, caracterizando outro fator objetivo, é a da gestão da relação entre pais e filhos, e mais precisamente, da perpetuação da linhagem de sua herança. Bourdieu (2006) explicita que a transmissão da herança depende também dos vereditos das instituições de ensino, que funcionam como um princípio de realidade brutal e poderosa.

[...] a instituição do herdeiro e o efeito de destino que ela exerce competem hoje também à escola, cujos julgamentos e cujas sanções podem confirmar os da família, mas também contrariá-los ou opor-se a eles, e contribuem de forma absolutamente decisiva para a construção da identidade. (BOURDIEU, 2006, p. 8)

O autor trata da escola como um fator também de transmissão de cultura, o qual pode vir auxiliar ou contrapor as heranças que os filhos trazem de casa.

Os acontecimentos caracterizados como objetivos balizam a compreensão que o indivíduo irá realizar do mundo em que vive, através de uma interiorização. O indivíduo transforma ações objetivas em subjetivas no seu subconsciente, portanto a subjetividade não é ensinada, não acontece, ela é algo intrínseco, formada a partir da objetividade das ações.

Vigotski define a interiorização com a reconstrução interna de uma operação externa e, para ele, dela depende o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. É no processo de interiorização, que os signos se convertem em instrumentos fundamentais da atividade mental interna, da atividade intelectual. Os signos por sua vez, apenas se estruturam nas interações sociais, na cultura, e são os meios das atividades internas, dirigidos, inclusive, para o controle do próprio indivíduo. (MARTINS, 2011, p. 70)

Um exemplo claro que posso citar é o de uma final de campeonato estadual entre duas equipes de futsal. Cada pessoa envolvida nessa final irá vê-la de um modo diferente, devido as suas experiências e subjetividade já formadas. Faltando 30 segundos para o final da partida, e esta ainda empatada, haverá diversas atitudes dessas pessoas envolvidas, uma diferente da outra, lógico que pelo mesmo objetivo. Ou seja, algo concreto, realizável, que é a partida de futsal, num segundo momento irá transformar conceitos já elaborados em cada pessoa. A emoção no momento objetivo é a palavra chave da evolução subjetiva individual.

Diversas informações que um indivíduo recebe, desde seu nascimento, vão balizando suas futuras ações, dando-lhes caminhos, “ou seja, o homem é constituído a partir das relações sociais” (MOLON, 2003, p. 48). Isso caracteriza o enfoque sócio-histórico, no qual subconscientemente tornam-se consciente e vai constituindo a subjetividade, isto é a caracterização do sujeito individual como síntese de objetividade e subjetividade.

3.3 O FATOR SUBJETIVO DA OBJETIVIDADE DO ESPORTE

Não posso entrar na discussão de objetividade do esporte sem entrar no mérito de uma preparação psicológica. Esporte e psicologia começaram a ter uma relação mais estreita no final do século XIX, quando alguns estudiosos resolveram pesquisar os efeitos dos aspectos psicofisiológicos sobre as atividades físicas e esportivas. (RUBIO, 2000)

O esporte é uma atividade pela qual se vivencia as emoções com intensidade e nesse sentido os processos emocionais podem ajudar ou prejudicar o desempenho na ação esportiva implicando nas suas relações humanas. Administrando os exercícios dentro do esporte, e suas diversas situações, trabalhando o nível motivacional, a aquisição de maior confiança, equilíbrio emocional, faz com que o indivíduo supere barreiras do seu desempenho, e por consequência, integre-o com o grupo e contribua em sua visão de mundo no pensamento de suas atitudes.

A partir de um enfoque histórico-cultural, Gonzales Rey procura explicar os pensamentos e comportamentos existentes considerando a história do sujeito, e a subjetivação de suas experiências, onde toda atividade que participa é uma produção subjetiva complexa que expressa tanto as características culturais, sociais, econômicas e políticas de uma população, as quais vão se expressar de uma forma particular tanto na subjetividade social quanto individual. As subjetividades social e individual são níveis diferentes de um mesmo processo, que se articulam de forma que as alterações que ocorrem com uma proporcionam simultaneamente outras tantas na outra. (DOBRÁNSZKY, 2007, p. 30)

Dobrąnszky (2007) faz entender que uma mesma situação que ocorre com pessoas diferentes, pode se tornar proporção diferente. Pois, cada pessoa tem uma consciência, uma vivência e pode aceitar ou não tais situações.

Considerando o desempenho desportivo a Psicologia do Esporte tem procurado compreender a complexibilidade das relações humanas no contexto esportivo, o que envolve a análise dos participantes diretos e indiretos durante todo o processo de treinamento e competição. Entendemos como participantes diretos: atletas, árbitros, diretores de clubes [...], que estão sob a liderança do técnico desportivo. Participantes indiretos são cônjuges pais, espectadores, jornalistas, meios de comunicação, fãs, entre outros. (DOBRÁNSZKY, 2007)

Embora os participantes indiretos não sejam os protagonistas durante os treinos e competições, eles são fontes essenciais de desenvolvimento dos sentidos subjetivos enfrentados pelos sujeitos, sendo assim, eles podem influenciar no desempenho esportivo de diferentes formas, que variam de acordo com seu papel no ambiente esportivo e a sua relação com alguém membro da equipe. (DOBRÁNSZKY, 2007)

Se tratando de uma iniciação ao desporto, ou na escola, ou como em escolinhas desportivas, ou apenas por lazer, podemos fazer uma comparação ao que Dobránszky (2007) defende, em que as relações humanas existirão e estarão envolvidas num contexto esportivo, tendo participantes diretos e indiretos que influenciam no andamento dessa iniciação e na visão com que o protagonista tem da sua autoafirmação enquanto individuo na sociedade.

Pois então, onde está o materialismo do esporte? A quadra, a bola! Mas, o esporte só acontece com uma quadra e uma bola? Não. A objetividade aqui defendida é toda a relação humana, material, comportamental, institucional, que fazem o esporte, enquanto atividade humana, acontecer através de uma consciência. Por sua vez, podemos entender a atividade esporte, em suas ações específicas, o chute, objetividade do futebol; o bloqueio, objetividade do voleibol; o salto, objetividade do atletismo, etc. Ou seja, uma ação concreta, realizável, mensurável, pode-se classificar como objetividade no esporte.

E a subjetividade do esporte? Inicio a resposta dessa pergunta levantando algumas considerações: quando existe a falta no jogo de futebol? Entendo que é quando um jogador realiza efetivamente uma manobra considerada fora de determinado padrão para aquela modalidade esportiva. Enquanto não houverem jogadores em atividade não podemos dizer que haja falta, mas somente a previsão do que poderá ocorrer na atividade humana do esporte. Tanto, que o não prevista

não é considerado falta. Mas, por que o atleta fez a falta? Quem vai interpretar se foi ou não foi falta?

Retorno à discussão em que Molon (2003), Jung (1981), Martins (2011) ressaltam quanto à personalidade: a personalidade exposta é uma estrutura dinâmica consciente do indivíduo, formada subjetivamente na relação direta com a objetividade histórico-social. Ou seja, a objetividade da falta no futebol (processo de formação de subjetividade interpsicológica) só acontece devido a subjetividade anteriormente formada por todos os indivíduos ali presentes e que num segundo momento, através da interiorização (processo da formação de subjetividade intrapsicológica), tornam essa estrutura dinâmica.

O esporte, portanto, somente é um produto objetivo em direta relação subjetiva dos indivíduos que atuam socialmente.

CONCLUSÕES

Declarado nesta monografia que existe sim uma influência do esporte na formação da personalidade. Que tudo e todos influenciam, tanto positivamente como negativamente, conscientemente ou inconscientemente, as ações futuras de cada indivíduo. E que professor, não vai querer influenciar positivamente o seu aluno?

Alguém que avalie seu trabalho, as experiências durante as lições e tarefas, o contato com novas possibilidades do aprender, irá auxiliar ao desenvolvimento humano (físico, emocional, cognitivo, psicológico, etc.) de nossos alunos. Como professor, quero que meus alunos desfrutem de máximas atividades, realizem diversas práticas corporais e vivenciando-as consigam compreender seu próprio corpo, suas relações sociais, os conteúdos da Educação Física, que – com o mesmo papel formativo das demais disciplinas/matérias – contribua para que estes alunos tenham algumas propriedades classificadas como “boas”. E, ao compreender o meio em que vive ultrapassando os limites das situações cotidianas, seja um grande formador de opinião. Coloco o “boas” entre aspas, pois tal valoração dependerá do posicionamento ou do direcionamento político-pedagógico no estabelecimento da atividade educativa.

Cabe lembrar que não discuto propostas pedagógicas, o que é correto ou incorreto quanto às políticas públicas, ou até mesmo a mercadorização do esporte. O debate central desta monografia foi como o esporte auxilia ou pode auxiliar na formação da personalidade, por entender que o esporte tem fatores subjetivos que podem influenciar o indivíduo a compreender a sociedade, ter um pensamento sobre a mesma. Independente da localização da atividade esportiva, se for na escola, no clube ou nas chamadas “escolinha de iniciação esportiva”, em qualquer situação o esporte está sócio-historicamente determinado, portanto as relações entre a subjetividade e a objetividade estão atuando na formação da personalidade. A internalização ocorre em todas as ações. No esporte, ações físicas e/ou emocionais são fruto da subjetividade, porém, a subjetividade só ocorre através de um desenvolvimento consciente ou inconsciente com a objetividade.

A objetividade do esporte envolve fatores importantes em respeito ao desenvolvimento do ser humano e suas propriedades. Questões como coletividade,

percepções, racionalidade, cobranças, habilidades, motivação, envolvem emoções, estas, por sua vez, impulsos das variáveis psicológicas.

O esporte pode agregar e influenciar diversas situações às pessoas, ou seja, o esporte contribui na formação de personalidade, mas, essa contribuição não determinada de forma absoluta. A valoração axiológica, ou seja, do que é positivo ou negativo, dependerá da finalidade socialmente estabelecida. Por exemplo, se queremos contribuir para a formação de uma personalidade cooperativa em contraposição a uma personalidade competitiva, como devemos orientar o ensino dos esportes? Se queremos a formação de sujeitos altruístas em contraposição ao egoísta, como deve ser o ensino, qual diretividade deve ter?

Então, como dizer que a cobrança, a motivação, etc, no esporte vai influenciar positivamente o indivíduo? Que tipo de personalidade vai ser formada? Isso irá depender de todas as ações objetivas que são trabalhadas, como são trabalhadas. Ou seja, não há um único mapa dizendo que existe o caminho para formar um indivíduo com bons princípios, de caráter, com ótimo temperamento, com propriedades dadas como exemplos.

O esporte pode ser um meio, dependendo de como é trabalhado, para tentar auxiliar no desenvolvimento dessas propriedades, como estamos levando em consideração as objetividades, estas tem diversas possibilidades de acontecer e nesse momento, impossível classificar qual tipo de personalidade irá desenvolver.

Se é um conteúdo da Educação Física, e este, dependendo de como irei trabalhar, pode auxiliar no desenvolvimento integral do meu aluno, é claro que defenderei o esporte como conteúdo da Educação Física. A prática, as relações sociais, são ações objetivas em que afloram emoções individuais, estas, por sua vez, auxiliam no desenvolvimento da personalidade. Mas, aqui como no apontamento das questões acima, desafio para que o estudo seja acrescido de outras pesquisas, continua a dúvida: que relação entre subjetividade-objetividade devemos promover no esporte se queremos um aluno com participação cooperativa, que possibilite transformar o atual modelo social? Que “esporte” efetivamente contribui para afastar as crianças das drogas?

Muitas outras questões continuam a exigir os esforços para seu esclarecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H., MARTINS, C. **CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE MODERNO SEGUNDO ELIAS E DUNNING**. Campinas: UNICAMP, 2007.

BATTISTUZZI, V. **O Esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de educação física escolar**. 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado) - UNESP, Rio Claro, 2005. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137062P0/2005/battistuzzi_vm_me_rcla.pdf>. Acesso em: 01 set. 2012.

BENVEGNÚ Jr., A. Educação Física Escolar no Brasil e Seus Resquícios Históricos. 2011. **5º Congresso de Educação Física de Jundiaí**, 12 - 15 de novembro de 2011 na cidade de Jundiaí/SP. Anais vol. 5, 2011: ISSN 1982-8276.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. Brasília: MEC, 1998.

BRATCH, V. **Sociologia Crítica do Esporte – Uma Introdução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____. Sociologia do esporte e educação física escolar. In: REZER, Ricardo (Org.). **O Fenômeno Esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o Fundamental é cooperar**. São Paulo: O autor, 1995.

CASANOVA, N; SEQUEIRA, S; SILVA, V. **Emoções**. [S. l.] 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAÓLIO, J. Educação Física Escolar: Uma Abordagem Cultural. In: PICCOLO, V.L.N. (Org.). **Educação Física Escolar: Ser... ou Não Ter?** Campinas: UNICAMP, 1993.

DARIDO, S. **Educação Física na Escola – Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DOBRÁNSZKY, I. **A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS E AS CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS NA ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA**. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte: Anais, dez. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452008000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 set. 2012.

DUNNING, ELIAS, N. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

GUEDES; GUEDES. **Controle do Peso Corporal: Composição Corporal Atividade Física e Nutrição**. Londrina: Midiograf, 1996.

GUIRALDELLI JR, P. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Loyola, 1998.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções Abertas ao Ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

JUNG, C. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Vozes, 1981.

KUNZ, e. **Educação Física – Ensino e Mudança**. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, J. **Democratização da Escola Pública – A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, L. **A Formação Social da Personalidade do Professor - um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MOLON, S. **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAHAS, M. Educação Física No Ensino Médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio. In: **SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR/ ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE, IV. Anais...** p.17-20, 1997.

PEIL, L. **O Movimento Humano no Esporte e o Esporte na Escola: o pensar dos alunos**. Porto Alegre, 1997. 115 folhas. Dissertação (Mestrado) - UFRS, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15438>> Acessado em: setembro de 2012.

RUBIO, K. **Encontros e Desencontros: Descobrendo a Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SILVA, A. **Esporte Espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. 1991. 125 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação,

Centro de Educação, UFSC, Florianópolis, 1991. Disponível em: <
<http://boletimef.org/biblioteca/2556>> Acessado em: outubro de 2012.

VALLADON, S. **As Teorias da Personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.